

toda a razão: “A bad building with a poor collection is tragic, but logical and easy to understand, but a good building with a poor collection is something else” (p, 38). Isto é particularmente observado em Brasília, onde o autor notou “a network of divided libraries” (eu teria qualificado o substantivo **network** com o adjetivo **chaotic**), tudo porque “bureaucrats are not used to thinking in terms of a unified library system” (p. 69). E também lamento, como o autor, que “although the capital has a fine National Theater it does not have and never will have a National Library” (ibidem).

Muito justas são também as críticas ao uso pelas bibliotecas brasileiras tanto das normas de catalogação da Biblioteca Vaticana como das **Anglo-American Cataloging Rules** (p. 95). Quanto aos computadores, vale a pena citar de novo o autor: “I personally think Brazilian librarians should swear a collective oath not to utter the word computer until every city of any size has at least passable public lending library services. But computers are part of life in every developing country **because it is excellent business for Western countries to export them**” (p. 104, grifos nossos).

Lamento que os limites naturais de uma recensão não me permitam citar e comentar outras passagens deste notável livro, que deve ser lido por todos os bibliotecários brasileiros. Sua leitura pode contribuir para curar ou diminuir nosso isolacionismo (cf. p. 111) e superar nossas contradições (cf. p. 114-115).

EDSON NERY DA FONSECA

Faculdade de Estudos Sociais Aplicados
— Universidade de Brasília

SPILLER, David. **Book selection; an introduction to principles and practice**. 2. ed. rev. London, Clive Bingley, 1974. 142 p. ISBN 0-85157-170-0. £ 2.75.

Ao imaginar o bibliotecário do futuro como um filtro que se interpõe entre a torrente de livros e o homem, Ortega y Gasset tocava no mais importante problema das bibliotecas, que é o da seleção. As limitações do espaço físico em face da explosão bibliográfica podem ser resolvidas pela miniaturização dos documentos, a armazenagem e recuperação da informação vêm sendo solucionadas pela tecnologia eletrônica. Mas assim como “um lance de dados jamais abolirá o acaso”, como dizia Mallarmé em poema célebre, nenhum recurso tecnológico poderá substituir a seleção, que supõe cultura e discernimento, inteligência e espírito crítico.

Por isso aquela parte do programa de Organização e Administração de Bibliotecas relativa aos critérios, instrumentos e métodos indispensáveis à formação de coleções bibliográficas, iconográficas, discográficas, cinematográficas, etc., constituiu-se em disciplina obrigatória de qualquer curso de Biblioteconomia que se preze. Só não faz parte do nosso currículo mínimo porque este já nasceu com o destino daquele fruto de que fala Manuel Bandeira: “fruto sem cuidado que ainda verde apodreceu”.

O livro de David Spiller, publicado em 1971 e atualizado para a edição atual, se inscreve entre os melhores da já extensa bibliografia sobre a matéria. Pretendendo ser apenas uma introdução, ele trata com inteligência e competência de todos os problemas da seleção de materiais bibliográficos e não bibliográficos.

O autor é muito conhecido e estimado no Brasil, como bibliotecário do Conselho Britânico, admirável e prestimosa organização que divulga mensalmente uma das melhores bibliografias críticas do mundo:

British Book News.

Sendo particularmente útil aos bibliotecários ingleses, o livro de David Spiller interessa aos brasileiros na parte conceitual — concentrada nos primeiros capítulos — e, **mutatis mutandis**, também na parte prática. É leitura essencial tanto para professores da matéria como para os bibliotecários que fazem a seleção, exercendo, como dizia Jorge Luis Borges, a arte da crítica: “Ordenar bibliotecas es ejercer, de un modo silencioso y modesto, el arte de la crítica”.

EDSON NERY DA FONSECA

Faculdade de Estudos Sociais Aplicados
— Universidade de Brasília

THOMPSON, James. **Library power: a new philosophy of librarianship.**
London, Clive Bingley, 1974. 111 p.

“As bibliotecas são tão importantes que não podem ser dirigidas por bibliotecários do tipo que conhecemos.” [...] “Como guardiães, os bibliotecários parecem sentir-se mais intimidados do que inspirados pelo acervo que acumularam.” [...] “É preciso que na organização de pessoal das bibliotecas haja um corpo administrativo e que não seja ele formado de bibliotecários”. (*)

* As autoridades encarregadas há alguns anos de indicar os diretores da biblioteca do British Museum e da Library of Congress, não encontrando candidatos suficientemente qualificados entre os bibliotecários, designaram um funcionário público (**civil servant**) para a primeira e um poeta para a segunda. E a ação posterior de ambos não foi considerada irrelevante.